LETÍCIA A PROSTITUTA

Eu odiava Letícia. Hoje, após 16 anos, ainda odeio e invejo Letícia. Ela nunca se importou com o quanto eu chorava a caminho de deixar que ela tomasse conta do cenário. Em cada risco de delineador, ela transformava olhos assustados nos desafiadores que ela possuía.

Na lingerie ela exibia, vaidosa e segura, as belas formas que sempre escondi na timidez de um sexo de luzes apagadas.

Letícia nunca teve um coração, não fora criada para tê-lo, exatamente por isso nunca teve dores que precisassem ser afogadas em um copo alcóolico ou uma carreira de cocaína, como outras companheiras de trabalho.

Eu odiava o fado dela sempre sorrir, quando eu, precisava engolir 20mg de

Valium para que ela conseguisse fazê-lo mesmo se a mandassem tomar no centro do cu.

Nunca gostei de muita proximidade física com estranhos e até mesmo alguns conhecidos, mas Letícia gostava que os homens chegassem perto o suficiente para sentir seu perfume de maçã.

Sempre gostei do bom e velho aperto de mão, enquanto ela, estendia a mão com unhas longas e bem-feitas para ser beijada antes que lhe dirigissem a palavra.

Ao todo em minha vida tive onze homens na minha cama, incluindo três maridos e um noivo, em que eu precisei ser forrada de carinhos para ter orgasmos. Letícia não tinha orgasmos, tinha gozos; abria as pernas sem se importar com quem a invadia e gozava sem sentimentos, ao

pensar que a cada nova pica era uma conta paga.

De uma coisa eu a impedi, de dizer que amava a qualquer um que fosse. Mesmo, como fizeram, a implorassem para dizer mesmo que fosse mentira. Eu a impedi de brincar com o amor dos homens, mas Letícia não precisava dizer que os amava; o rosto bem maquiado e os cabelos curtos estilo Liza Minelli, vinham acompanhados de inteligência, bons ouvidos e conselhos camurçados. Os clientes ficavam fascinados, e eu, com ódio da facilidade que ela tinha em preencher seus lábios sempre pintados de nude e delineados de preto, com um sorriso límpido e isento de problemas.

Ela nunca brigava com as companheiras de trabalho, as desprezava, se julgava superior, mas Letícia era superior,

principalmente a mim, sempre tão sensível e problemática. Ela se movia pelo cabaré entre um cigarro e outro como uma serpente, poderosa e pronta pra dar o bote em qualquer cifrão sem distinção; não dispensava sequer aqueles que só podiam pagar a metade do preço. Letícia e eu só tínhamos uma coisa em comum, um filho pequeno; ela era tão mãe quanto eu, assim como precisava ouvir a gravação dele no celular pedindo pra levar lanche do McDonalds pra ter forças. Essa era uma das poucas partes humana de Letícia, essa ou quando mandava um homem que não devia estar lá embora, ou quando fazia um bêbado parar de beber e ouvia as angústias dele, somente porque ela sabia que eu, sua criadora e não ela, tinha problemas. Tínhamos outra coisa em comum, era tão supersticiosa quanto eu. Quando a semana estava fraca

e o medo de não ter o dinheiro para pagar o mercado e as contas batiam, usava lingeries com modelos e cores específicas, mesmo que não fossem as mais sensuais ou melhor lhe valorizassem as curvas, eram peças de emergências para semanas que começavam a findar sem sinal de dinheiro suficiente para a semana.

Nunca fui vingativa, mas Letícia o era; certa vez encantou o cliente de uma colega de trabalho pelo simples fato de ela ter lhe estragado um programa caro. Não ficou satisfeita em lhe roubar o programa como a garota o fizera; para saciar seu orgulho feminino (como era grande o orgulho de Letícia) ela sentiu a necessidade de fazer o pobre homem se apaixonar e deixar os carinhos da outra de vez; depois o dispensou.

Não concordo que os melhores escritores são os que bebem, mas confesso que estou bebendo um pouco e quando me pedem para continuar a história de Letícia, me pergunto se conseguiria fazê-lo sem molhar o bico. Letícia era leve como um baseado, mas descobri que falar dela é mais pesado do que cocaína.

Certa noite tive o prazer de vê-la se foder. Era um senhor rico; ela se desdobrou em elegância e conversas inteligentes; caprichou tanto que antes de ir embora o homem lhe disse que não voltaria pois ela era um ameaça pra qualquer casamento (principalmente para o dele que já estava em crise). Letícia chegou a pensar que ele não resistiria e voltaria, mas era bem esperta demais para, no fundo, saber que não e ele não voltou. Os que voltavam lhe faziam propostas de casamentos, amante, viagens. Ela recusava todos, entendia